

CHICO SCIENCE: A RAPSÓDIA AFROCIBERDÉLICA

por Moisés Neto

Trecho do livro “Chico Science : A Rapsódia Afrociberdéllica” de Moisés Neto, destinado à distribuição eletrônica livre. São, contudo, proibidas a reprodução e a distribuição deste arquivo sem autorização prévia do autor.

©2000 Edições Ilusionistas / Moisés Neto. Todos os direitos reservados.

O Duplo no CSNZ: Scream Poetry

De mortuis nil nisi bonum – não se fale dos mortos a não ser para dizer o bem, diziam os antigos. Na mesma semana da morte de Chico, morreu o polêmico intelectual Paulo Francis, que inclusive deu nome a uma das bandas do movimento mangue, a Paulo Francis Vai Pro Céu, ironia para neutralizar aquele que menosprezava o nordeste. O mesmo nordeste que aparece em “Geografia da Fome” (1946), do sociólogo Josué de Castro, como tão miserável que os moradores das palafitas comiam sururu – um molusco – mal lavado e com bastante lodo. Não por falta de higiene, mas para compensar a deficiência de ferro na alimentação.

Mesmo com a adversidade batendo na cara, Chico escreve “Scream Poetry”, uma espécie de poema-testamento, que seria posteriormente gravado pelo Paralamas do Sucesso, cujo vocalista/letrista é o paraibano Herbert Viana: *“Eu posso sentir o que a paixão faz em segundos/ Eu posso sentir o que o amor fez/ depois de anos/ Eu gosto de sentar nos telhados/ Pra ouvir o que as casas dizem ao meu redor/ Eu gosto de subir nos telhados/ Porque eu consigo ver o mundo/ Grite poesias que eu te amarei/ Até a minha ida, grite poesias/ Que o mundo tem/ A palavra que você pode escrever/ Grite poesias”*

A gravação desta letra de Chico contou com a especial participação de Jorge Mautner, uma lenda viva da contracultura brasileira, um homem que toca violino, foi influenciado por Nietzsche e escreveu vários livros. Mautner é referência para o pop brasileiro como o foi Macalé. Em canções como “Hotel das Estradas” (*“Dessa janela sozinho olhar a cidade me acalma/ estrela vulgar a vagar/ rio e também posso chorar/ mas tenho os olhos tranqüilos/ de quem sabe o seu preço/ esta medalha de prata/foi presente de uma amiga/ mas isso faz muito tempo”*). Poderíamos conectar a Mautner e Macalé a figura de Waly Salomão, um dos poetas mais badalados do Tropicalismo: *“Oh, sim. Eu estou tão cansado. Mas não pra dizer que eu não acredito mais em*

você/ com minhas calças vermelhas/ meu casaco de general/ cheio de anéis/ Vou descendo/ por todas as ruas/ e vou tomar aquele velho navio/ Eu não preciso de muito dinheiro/ Graças a Deus/ E não importa, honey/ Ó minha honey baby/ Eu preciso/ ó minha grande/ ó minha pequena/ ó minha grande/ obsessão/ ó minha honey baby / Talvez eu volte/ um dia eu volto, quem sabe?/ mas eu preciso esquecê-la / eu preciso” (Waly Salomão e Macalé em “Vapor Barato”, hino da contracultura brasileira).

Na leitura de Chico “Scream Poetry”, vemos surgir outra vez uma imagem recorrente em toda a obra do poeta do mangue: a imagem do cara que senta num canto sozinho e filosofa. Bem nos moldes de Zé Ramalho e Mautner, menestréis do grande mistério. Avatares do grande mercado pop. “Scream Poetry” nos traz um Chico buscando “ouvir o que as casas dizem”, subindo nos telhados para ver o mundo. Temos os enigmáticos versos “*até a minha ida, grite poesias/ a palavra que você pode escrever*”. Estas linhas, de modo simples, descrevem o caráter lírico que define as letras, cria a essência da arte, dando vazão para que o símbolo se estabeleça: a palavra.

O quebra-cabeça scienciano fragmentado em telhados/ anos/ segundos/ casas/ poesias; o sujeito plural encontra um alvo único: a palavra, “a palavra que você pode escrever”. Os versos não rimam entre si, uma constante nas letras do mangueboy.

Outra referência é o título “Scream Poetry”, Chico foi repudiado por incrementar suas atitudes usando o idioma inglês, o mesmo acontece em letras como “Sobremesa” (com Jorge dü Peixe): “*Walking in the morning sun/ My pockets are empty now/ I don’t have anything/ Only dirty black boots/ And a little flower in my hands/ Looking to the city/Cabs, building,/ people/ A rocket blows in the sky/ My mind flies*”. Novamente, a imagem do sujeito “pé na estrada, que viaja, vaga”. “Errante navegante”, diria Caetano Veloso em “Terra”: “Como se eu fosse o saudoso poeta e fosses a Paraíba.”. O surrealismo abraça a simplicidade nos mesmos versos de “Sobremesa”, que continua: “*Borboletas se equilibram no espaço/ Um muro velho em minha face/ Uma cadeira flutua num espiral/ Flores em minha camisa numa tarde no bairro/ E*

enquanto caminho nas ruas da cidade/ Lembro que uma sobremesa me espera em casa”.

Ingenuidade, simplificação da vida, retorno à tribo. Reintegração ao óbvio. Conceitos pós- modernistas que conduzem à uma aceitação mais fácil e exorcizam os tabus, ou pelo menos deveriam funcionar na decifração problemática do homem (pós ?) moderno. Renato Lins também é co-autor de “Sobremesa”, podemos encontrá-lo nos créditos do terceiro CD (póstumo) do CSNZ, um CD duplo dividido assim: “Dia”, que contém músicas inéditas em tributo a Science e gravações ao vivo do show da banda no Abril Pró-Rock 96, realizado no Recife, e “Noite”, o outro CD, que contém remixes das duas obras anteriores do CSNZ. (“Da lama ao caos” e “Afrociberdelia”). O equilíbrio, o muro na face e a espiral de “Sobremesa” cria um ritmo, uma expectativa como também em “Scream Poetry” o fazem a seqüência segundos/ anos/ telhados/ casas/ mundo/ grite. O real torna-se dinâmico e o estrato visual beira à metáfora de dissolução semântica como em “Cidadão do Mundo”, Letra de Chico Science onde encontramos os seguintes versos : “*Chila, relê, domilindró...*”. Ou na prosopopéia em “Scream Poetry”: “*Gosto de sentar nos telhados / pra ouvir o que as casas dizem ao meu redor*”

O jornalista Renato Lins, responsável por um programa diário, Mangubeat, da rádio Caetés FM, criou também, em parceria com o webmaster H. D. Mabuse, usando a Internet no dia 19 de fevereiro de 1997, a quarta edição do Manguetronic, o primeiro programa de rádio da América Latina concebido especialmente para a Internet. O site traz ainda links para personalidades da Internet, uma sessão para a publicação de fotos turísticas, uma espécie de novela que se passa num Sex shop e um texto de ficção científica “muito viajado” que pode ser alterado pelos internautas. Neste programa, duas inéditas com Chico: “Know-How” e “Rapaz do Bonezinho Preto”, material de 1988 (durante os quatro anos seguintes, Chico, Fred e Renato pensaram em São Paulo e Rio comendo “macarronada, pão com ovo, essas coisas”, segundo José Teles).

O vereador Pedro Mendes conseguiu aprovação por unanimidade na Câmara

Municipal de Olinda propondo que ou o Memorial Arcoverde ou o Centro de Convenções ou ainda a Casa da Cultura se chamasse Chico Science em homenagem póstuma. A sugestão foi encaminhada a Arraes e caiu no esquecimento. Volta à tona no ano 2000, com a sugestão do nome do poeta para batizar um novo túnel.

As palavras de Chico cantadas como emboladas (ritmo nordestino, forma poético-musical de improvisado ou não, em compasso binário, cuja melodia é declamatória, em valores rápidos e intervalos curtos, e que é usada pelos solistas nas peças com refrão coral ou dialogadas como cocos e desafios) levam os ouvintes, mesmo aqueles que não sabem do que se trata a “se ligar” na sonoridade delas que, junto com a música, “viram uma coisa suingada, bem particular, bem legal”, nas palavras do próprio C.S.

O mangue foi criado como alternativa contra o marasmo recifense. Foi uma “partida para uma coisa nova”. O teatro também abriu suas portas para o mangue: “O Príncipe dos Mares de Olinda” teve a participação do estilista Eduardo Ferreira na concepção dos figurinos (que junto com Chico e Nóbrega está na “última foto” de C.S. no Baile Municipal do Clube Português). *“Coisas que desgastam a gente vai deixando de lado. Chega dessa coisa de ficar reclamando de tudo. A gente quer é se divertir.”*, disse C.S. em entrevista ao jornal Folha de São Paulo.

Em 15 de fevereiro de 1997, Fred 04 deu o seguinte depoimento ao Jornal do Commercio: *“Toda essa cena que foi bem fomentada e conquistada, não está ameaçada. O pessoal está querendo mesmo é tocar a bola pra frente. É no mínimo ingenuidade ou até má vontade querer especular ou enterrar uma coisa como esta. Quando Bob Marley morreu deixou a influência da Jamaica no mundo. Aqui no Recife, a gente sabe que Chico não teria aparecido em nenhum outro lugar, nem em outro momento senão no Recife nos anos 90. Foi assim também com o tropicalismo. Os grupos Eddie, Dona Margarida Pereira, Mestre Ambrósio e Devotos continuam o trabalho do mangue”*.

Para a jornalista Adriana Dória Matos, Chico era um “mungangueiro maravilhoso”. A morte dele lembra a tragédia de outro músico, Orfeu, “que aplacava a dor de todos com suas canções belíssimas, mas que não pôde evitar o próprio flagelo.”

* * * * *